

XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM
LINGUÍSTICA DA UNIFRAN
SELINFRAN
MESTRADO



Diagramação e Direção de Design

Núcleo de Design - Unifran

Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

Seminário de pesquisa em linguística, (10.: 2021: Franca, SP).

- S474 XI Seminário de pesquisa em linguística da Universidade de Franca (SELINFRAN) - As linguagens como práticas de liberdade: uma homenagem a Paulo Freire, 16 - 18 set. 2021 / organização, Marilurdes Cruz Borges, Vera Lucia Rodella Abriata; vários autores. – Franca, SP: Universidade de Franca, 2021. e-book. 251 p.

ISBN e-book: 978-65-88194-22-5

Linguística – Seminário. 2. Pesquisa científica – Linguística – Resumos. 3. Linguística – Produção científica. 4. Democracia – Resistência política. 5. Produção acadêmica. I. Universidade de Franca.

CDU – 801:001.891(061.3)



A MORTE COMO PARÂMETRO PARA A VIDA: uma reflexão retórica sobre a construção de “Verdades” no discurso religioso

Alan RIBEIRO RADÍ (UNIFRAN)¹

Maria Flávia FIGUEIREDO (UNIFRAN)

RESUMO

No presente trabalho, debruçamo-nos sobre as discursivizações a respeito da morte e pós-morte no discurso religioso. Objetivamos, assim, entender como as religiões conferem um valor de verdade às suas proposições sobre o tema em questão de maneira tão persuasiva que, para um número elevado de pessoas, a morte exerce total influência sobre as formas de vida. Para tal empreendimento, situamo-nos em dois campos teóricos tidos como complementares, a retórica e a dialética. A análise piloto aqui realizada mostrou a possibilidade de encontrar nos textos sagrados marcas linguísticas que evidenciam o processo de construção da verdade nos discursos religiosos sobre a morte.

PALAVRAS-CHAVE Retórica; morte; pós-morte; verdade; textos sagrados

ABSTRACT

This paper aims to investigate the interface between rhetoric, prosody and humor. We are interested in knowing the place of prosody in rhetorical studies and how prosodic elements may be related to the generation of laughter. For this purpose, excerpts of the sitcom Friends (1994-2004) have been selected as *corpus*. We conducted a survey through an auditory analysis to verify prosodic alterations that preceded the audience's laughter. It is assumed that the prosodic elements identified in this research were mostly responsible for what caused the statement to be funny. As theoretical foundation, we have based on rhetorical studies, with Aristotle (2012), Cicero (2002) and Quintiliano (2015); prosody, with Cagliari (1992; 2007), Cagliari and Massini-Cagliari (2003) and Scarpa (1999) and humor, with Bergson (1987), Bremmer and Roodenburg (2000), Possenti (1998), Propp (1992) and Raskin (1985).

KEYWORDS Rhetoric; death; after death; truth; sacred texts

Introdução

O cenário político e histórico do mundo todo se viu alterado mediante a ocorrência da pandemia do novo coronavírus. A partir de tal contexto, passamos a nos deparar diariamente com os altos números indicativos das vítimas fatais dessa doença. De maneira evidente, o assunto “morte” passou a pairar sobre nossas vidas, tornou-se objeto de nosso medo e uma ameaça iminente. Somado a isso, ficamos privados da execução de nossas práticas religiosas, dos encontros

¹ Trabalho desenvolvido com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.



entre amigos, das sessões presenciais de terapia. Sumariamente, fomos expostos à morte, abordagem abstrata, e privados de tudo aquilo que desopila a tensão que este tema provoca.

O cenário descrito nos coloca diante de uma reflexão antiga, todavia não ultrapassada e, muito menos, esgotada. Tal reflexão tem por objeto a influência que a realidade da morte exerce sobre as formas de vida. Nossos questionamentos emergem a partir da interpretação bifurcada inerente à morte: a perspectiva da certeza e a da incerteza.

Sob o prisma da certeza, a morte é encarada como uma realidade constitutiva do ser humano – tudo que nasce, inevitavelmente, morre. As ciências médica, biológica e química realizaram, ao longo da história, vários estudos com o objetivo de descrever quais processos ocorrem antes, durante e depois da morte do corpo físico, ou, como alguns preferem chamar, o cessar das funções vitais. Entretanto, a perspectiva da morte do corpo físico parece insuficiente, com base em uma crença filosófica, amplamente difundida por Platão, de que o ser humano se constitui por um corpo físico e por uma alma/espírito. Religiões mais antigas, anteriores à época do próprio Platão, já assumiam essa proposição como uma máxima. Muitas das religiões da atualidade também assumiram essa crença como dogma. Do exposto, podemos inferir que a máxima filosófico-religiosa de subdivisão do Ser em corpo e alma angariou expressivo nível de adesão.

A ótica da incerteza, oriunda do que expusemos, assenta-se no fato de não termos acesso a nenhuma informação comprovadamente experimentada sobre o que acontece depois da morte. Mediante o que vimos no parágrafo anterior, passou-se a conceber como plausível a continuidade da vida da alma, mesmo tendo atestada a morte do corpo físico. Entretanto, a resposta para a pergunta “o que acontece com a alma?” continua sendo um dos grandes mistérios da humanidade. O discurso religioso, muito mais que de outras instituições, se preocupou e se preocupa, no decorrer da história, em oferecer explicações sobre o que acontece após a morte e, também, sobre como devemos viver para termos uma morte “santa” e/ou “feliz”. Da mesma maneira que acontece com outros temas, sabemos que, a respeito da morte, não há consenso ou unanimidade entre as religiões, até mesmo entre aquelas de origem muito próxima. As crenças concernentes a esse tema são, pelo contrário, controversas e polêmicas.

Pelo que expusemos até aqui, fica patente que o tema morte evoca, ao ser colocado em pauta, um conjunto de máximas e crenças de cunho religioso e filosófico, além da morbidez e agouro que são, tão comumente, associados a essa temática. As questões religiosas e filosóficas não serão, *per se*, mobilizadas em nossa pesquisa. Elas constituirão, todavia, o caminho que nos permitirá entender, discursivo-retoricamente, a forma com que as instituições religiosas arrolam suas



crenças, a respeito do que acontece após a morte, na categoria de verdade ainda que este se trate de um tema expressivamente polêmico. O objetivo de entender o mecanismo de conversão das crenças religiosas em “verdade” nos parece importante, uma vez que, a partir da concepção de tais crenças serem verdadeiras ou muito plausíveis, é que a morte passa a exercer determinada influência sobre a vida de quem as aceita ou não.

Depois de apresentar ao leitor o contexto que nos levou a determinar nosso tema de pesquisa de doutorado, apresentaremos, no próximo item deste trabalho, algumas asserções teóricas e as possíveis perguntas que tais asserções nos permitem levantar a respeito do tema proposto.

1. Fundamentação teórica

Por intermédio da reflexão empreendida na seção anterior deste trabalho, levantamos três informações importantes: 1) uma das preocupações das religiões é explicar o fenômeno da morte; 2) os argumentos que sustentam as deliberações sobre esse tema são controversos e discrepantes nas diferentes religiões; 3) as proposições sobre a morte, geralmente, são documentadas, aceitas e propagadas como verdades, isso se dá pelo fato de participarem da constituição dos legados de fé e de haver a necessidade de proliferação dessas crenças para novos auditórios. É precisamente nesse tocante que emerge o caráter polêmico e incerto do evento pós-morte, uma vez que contamos

com diferentes verdades sobre um mesmo assunto. Entretanto, embora sejam polêmicas e controversas as explicações para o momento pós-morte, elas não deixam de significar “verdade” para um número expressivo de pessoas e de ser capaz de lhes interferir na vida.

Para nos debruçarmos sobre tal problemática, contaremos, sobremaneira, com as asserções provenientes de duas vertentes teóricas oriundas de um mesmo pesquisador, Aristóteles. Elas são consideradas pelo seu formulador como a antístrofe uma da outra: a Retórica e a Dialética.

Parece-nos plausível a escolha de observar o tema morte sob a perspectiva da dialética, principalmente no tocante à construção de “verdades”, que está atrelada à maneira com que esse tema é tratado nos discursos de diferentes religiões. Consideremos:

O propósito deste estudo [dialética] é descobrir um método que nos capacite a raciocinar, a partir de opiniões de aceitação geral, acerca de qualquer problema que se apresente diante de nós e nos habilite, na sustentação de um argumento, a nos esquivar da enunciação de qualquer coisa que o contrarie. (ARISTÓTELES, 2016, p. 369).

Mediante o exposto, observa-se que o intuito da dialética é o de auxiliar os indivíduos, por intermédio de um método, a raciocinar proficuamente acerca de qualquer problema que se lhes apresente. As bases constituintes desse processo



de raciocínio são fluidas, uma vez que se originam das “opiniões de aceitação geral”. A respeito de nossa temática, essa característica parece ser extremamente útil, pois, como já evidenciado, as opiniões são divergentes e múltiplas. Ademais, busca-se pensar em um método que possibilite, àqueles que dele lançar mão, elaborar argumentações capazes de esquivar de enunciações passíveis de contrariá-las. Dessa forma, sob nossa interpretação, seriam produzidas asserções com valor ou aparência de verdade, logo estas são não-questionáveis e fortes o bastante para exercer influência sobre as formas de vida de quem as aceita.

Se a dialética nos auxiliará a entender os recursos utilizados para a elaboração de asserções explicativas para o pós-morte com valor de verdade, a retórica nos permitirá, por seu turno, observar como diferentes oradores e auditórios lidam ou podem lidar com a polêmica inerente a esse tema. Essa vinculação torna os auditórios adeptos a uma corrente de pensamento em detrimento da outra.

Observemos a descrição realizada por Meyer (2000, p. XXIX): “há o que é tal como deve ser. A ciência nos falará disso. Há o que é como pode ser, por conseguinte, tal como pode não ser também. Trata-se do objeto da retórica.”. O conteúdo expresso pelo excerto mobilizado nos permite observar o alto grau de retoricidade existente no jogo múltiplo de construção de verdades a respeito da morte e do pós-morte. Conforme já expusemos neste trabalho, o ato

de encarar a morte como um evento, única e exclusivamente, científico é penoso para o ser humano. Entretanto, olhar para essa realidade sob o viés religioso também se torna conflituoso para o indivíduo que percebe a multiplicidade de possibilidades acerca do tema, sendo que nenhuma delas alcança o *status* de evidência científica.

O fato de a constituição dos sujeitos ser heterogênea faz com que determinados indivíduos prefiram crer em certas verdades sobre a morte do que em outras. Essa heterogeneidade derivada do individual também é um movimento retórico. A esse respeito, asseveram os autores do *Tratado da argumentação*: “com efeito, o objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*. O que caracteriza a adesão dos espíritos é sua intensidade ser variável [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 4, grifos dos autores). Nessa linha de raciocínio, ser passível de diversos níveis de adesão é característica imprescindível dos discursos retóricos. Esse movimento persuasivo resultará na delimitação de diversos auditórios particulares, demarcados e reconhecidos pelas crenças que os movem e pelas exposições que reforçam suas crenças em determinadas verdades, em detrimento de outras. Parece-nos, portanto, necessário investigar com mais cuidado qual o grau de participação das paixões nesse processo de correlação dos auditórios



particulares com as crenças que os caracterizam.

2. Metodologia

Depois estabelecer a justificativa para a adoção da perspectiva teórica exposta em relação ao tema da pesquisa, passamos a apresentar o *corpus* de análise selecionado.

O primeiro ponto que consideramos a respeito do *corpus* originou-se de uma observação acerca do próprio tema de pesquisa. Panoramicamente, parece haver três possibilidades de a morte exercer influência sobre a vida. Essa influência está intimamente ligada à maneira com que a morte é interpretada pelo conjunto de crenças que busca explicá-la. Averiguemos cada uma delas organizadas por segmentos.

- 1) Segmento 1: sob uma perspectiva de julgamento, a consciência da morte leva os adeptos de determinadas religiões a seguir certos cânones de conduta moral em vida com a intenção de preservar a pureza de seu espírito para que a vida, existente no pós-morte, seja boa, recompensada.
- 2) Segmento 2: imbuído pelo foco no tempo presente, a consciência da morte faz com que os adeptos de determinadas religiões sigam um cânone de vida não em vista de que outra vida seja boa em momento posterior, mas para que a vida “do agora” o seja.
- 3) Segmento 3: a consciência de morte é ligada à crença de que o processo de caminhada entre uma existência e outra é conturbado. Assim, o cânone

relacionado à morte é deixado para que os vivos auxiliem o espírito desencarnado em seu processo da travessia para sua próxima vida.

Com o objetivo de averiguar a construção de verdades acerca das crenças sobre a morte por parte de diferentes religiões, debruçar-nos-emos sobre trechos específicos de livros sagrados pertencentes a distintas linhas religiosas, os quais tratam sobre esse tema. Arrolaremos, a seguir, os livros selecionados, seguidos de uma breve exposição sobre de cada um deles e da menção às religiões a que pertencem.

Segmento 1

Bíblia sagrada – é considerada o livro sagrado das religiões cristãs e, também, do Judaísmo. Seu nome tem origem na palavra grega βιβλία, plural da palavra βιβλίον. Faz todo sentido pensar que seu nome se originou do plural da palavra livro, uma vez que se trata de um compilado de vários outros livros. Estes narram, dentre outras coisas, a história da criação do mundo e dos homens, evidenciam, ainda, o projeto de salvação do homem traçado por Deus. Além do exposto, o conteúdo deste conjunto de livros é adotado, sobremaneira, como um cânone de conduta moral e cotidiana inspirado pelas narrações da vida de Jesus. Sob a perspectiva da organização interna, a bíblia é subdividida em Antigo Testamento e Novo Testamento. O número do total de livros que a compõem diverge a depender da instituição religiosa responsável por sua edição. A bíblia protestante é formada por um total



de 66 livros, 39 no antigo testamento e 27 no novo. A bíblia católica, por sua vez, é constituída por 72 livros. Todos os livros que compõem as edições católicas e são deixados de lado pelas religiões protestantes estão no antigo testamento, são eles: *Tobias, Judite, I e II de Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruque*. A *Tanach*, também conhecida como *Bíblia Hebraica*, é o antigo testamento da bíblia cristã e é adotado como o livro sagrado dos Judeus. *Tanach* (TNK) é um acrônimo, utilizado dentro do judaísmo, composto pelas iniciais das três porções que dividem seu livro sagrado, são elas: *Torá, Nevim* (profetas) e *Kethuvim* (os escritos). A *Tanach*, embora composta pelo antigo testamento cristão, possui apenas 24 livros em decorrência de sua divisão ser feita de forma distinta. Alguns pares de livro, dentro da *Bíblia Hebraica*, constituem livro único, são eles: *I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras e Neemias*. Além disso, os *Doze profetas* menores são considerados um livro único.

O evangelho segundo o espiritismo - é um livro bastante utilizado pelos espíritas kardecistas, ou seja, aqueles influenciados pelo trabalho de Allan Kardec. Esse livro sagrado também se configura como um manual doutrinário de vida para os seguidores dessa linha. De acordo com a crença espírita, o conteúdo do livro foi transmitido a Allan Kardec por espíritos desencarnados e evoluídos. Para trabalhar com essa religião, não descartamos a possibilidade de utilizar também ou exclusivamente

O livro dos médiuns, também psicografado por Allan Kardec.

Alcorão ou Corão - é um livro sagrado do Islã. De acordo com os muçumanos, essa obra contém a palavra literal de *Alá* (Deus), que foi revelada ao profeta Maomé (571-632) durante um período de 23 anos nas cidades de Meca e Medina. Consoante os historiadores, o profeta Maomé viveu entre os anos 571 e 632 da era cristã. A palavra Alcorão deriva de um verbo árabe que significa declamar/recitar. Além de outras coisas, o conteúdo do livro descreve as origens do universo, do ser humano e sua relação com Deus. O Corão apresenta, ainda, leis para a sociedade, sobre moralidade e economia, dentre outros assuntos. Os muçumanos consideram-no sagrado e inviolável.

Segmento 2

Tripitaka - é um compilado de ensinamentos budistas tradicionais. Esse livro também é reconhecido pelo nome de *Cânone Páli*, por haver sido, inicialmente, escrito nessa língua. Para essa tradição, esse conteúdo é composto pelos 84 mil ensinamentos transmitidos pelo próprio Buda, que se tornaram sutras, espécie de regras para a vida cotidiana. Em páli, *Tripitaka* significa três cestos. Esse título faz referência às três partes constituintes do texto: *Vinaya*, composto pelas regras de conduta; *Sutta*, composto pelos discursos de Buda; e *Abhidhamma*, composto por conteúdo filosófico.

Bhagavad Gita - é um texto sagrado da religião hindu. Escrito em



sânscrito, o título traduzido significa *Canção do bem-aventurado* ou *Canção divina*. Esse texto tem como origem um poema épico indiano intitulado *Maabárata*. Embora suas partes sejam escritas em seções e épocas diferentes, o texto é datado do século IV a.C. O conteúdo do livro é composto por um conjunto de práticas e leis a respeito de diversos aspectos, que deve ser seguido por aqueles que querem evoluir espiritualmente e alcançar o autoconhecimento.

Segmento 3

Bardo Thödol – também conhecido como *O legado tibetano dos mortos*. É uma obra de 1927, que foi organizada por Walter Yeeling Evans-Wentz. Seu organizador é antropólogo, escritor americano, pioneiro no estudo do budismo tibetano e seu disseminador no ocidente. Essa obra é considerada sagrada no Tibete e tem como função auxiliar a guiar a consciência de um morto em sua jornada até a próxima encarnação. Além disso, o livro conta com rituais fúnebres que devem ser executados após a morte de alguém.

Conforme se pode notar, embora já tenhamos selecionado os livros sagrados a serem utilizados em nossas análises, ainda não fizemos a seleção de conteúdos de cada um deles. A esse respeito, cumpre apenas salientar que serão selecionados, para análise, excertos que abarcam reflexões sobre a morte, a pós-morte e sua influência sobre as formas de vida. Esse movimento, como já expusemos, tem o intuito de entender de que maneira os discursos religiosos

sobre a morte são construídos como verdades de tal maneira que sejam persuasivos a ponto de conseguir influenciar as formas de vida.

A respeito dos conceitos teóricos a serem mobilizados ao longo das análises, podemos mencionar os estudos de Aristóteles (2011, 2016); Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005); Reboul (2004); Ferreira (2010).

3 ANÁLISE PILOTO DO CORPUS

Objetivando ilustrar a exposição teórica traçada até aqui, selecionamos um excerto do *Evangelho segundo o espiritismo*, sobre o qual empreenderemos um breve gesto analítico de seu conteúdo. Esse modelo de análise buscará evidenciar os aspectos que deverão ser levados em conta no processo analítico do *corpus* em sua completude, de acordo com os objetivos e indagações próprios de nossa pesquisa.

Informamos que o excerto foi retirado do capítulo II, que tem como título “meu reino não é deste mundo”. O trecho se encontra em uma subseção intitulada “a vida futura”. Consideremos o texto:

2. Por essas palavras, Jesus designa claramente a vida futura, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como o termo para onde tende a Humanidade e, como sendo objeto das principais preocupações do homem sobre a terra, todas as suas máximas se dirigem a esse grande princípio. Sem a *vida futura*, com efeito, a maior parte dos seus preceitos de moral não teria nenhuma razão de ser; por isso, aqueles



que não creem na vida futura, imaginando que ele fala senão da vida presente, não os compreendem ou os acham pueris. (KARDEC, 2008, p. 32)

O trecho mencionado ressalta a importância que a crença em uma vida futura representa para que os preceitos morais de Jesus façam sentido. Afinal, é em função dela e para uma preparação para ela que esses preceitos são estabelecidos. Dessa maneira, corrobora-se nossa visão de que os ensinamentos do espiritismo são voltados para a preparação para uma vida depois da morte, e que todo o sentido está na vida futura em detrimento desta.

Vale ressaltar ainda que o texto analisado é proveniente da interpretação de um texto bíblico. Por essa razão, *O Evangelho segundo o espiritismo* traz a seguinte referência (SÃO JOÃO, cap. XVIII, v. 33, 36, 37).

Atendendo à nossa busca pela construção de verdade, cumpre-nos ressaltar o uso do advérbio “claramente” utilizado para caracterizar a interpretação do que Jesus quis significar com suas palavras naquele contexto. O uso desse elemento gramatical endossa o caráter de verdade da interpretação bíblica realizada.

A escolha por ressaltar o valor pueril conferido aos preceitos de Jesus por aqueles que não acreditam na vida futura cria um mecanismo de alargamento do auditório. Esse argumento é potencialmente forte sob a perspectiva das paixões, uma vez que mobiliza aspectos da memória social relacionadas à profanação e ao desprezo pelas coisas ou assuntos sagrados.

São esses apenas alguns dos aspectos que podem ser analisados sob a perspectiva teórica que mobilizamos para observar nosso *corpus* e que pretendemos realizar em outros excertos da mesma obra e demais obras selecionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou evidenciar os caminhos delineados para nossa pesquisa de doutorado e, também, esboçar os aspectos que nortearão as análises de *corpus* selecionado. No trecho analisado, pareceu-nos que a metodologia adotada se mostrou capaz de nos auxiliar a responder nossas questões. Dessa maneira, seguiremos o modelo de análise no decorrer do processo de estruturação da tese.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Tópicos. In: _____. *Órganon*. Trad. Edson Bini. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2016. p. 367-576.
- KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. 349. ed. Araras: IDE, 2008.
- MEYER, M. Prefácio. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.